

ASPECTOS FILOSÓFICOS DA MORTE

Reinholdo Aloysio Ullmann *

Resumo

Este artigo trata sobre aspectos filosóficos da morte, seguindo uma linha diacrônica, desde a época de Homero até ao período helenístico. O autor mostra a relação entre a vida neste mundo e o destino da alma no além, sem ocultar a doutrina do niilismo, da metemscatose, as crenças no Hades e os castigos infligidos aos maus. O artigo também consagra umas páginas ao tratamento dispensado ao culto dos mortos, desde tempos imemoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Destino da alma. Niilismo. Metemscatose.

Abstract

This paper deals with philosophical aspects of the death, following a diachronic outline since Homer's time until the Hellenistic period. The author tries to show the relation between the life in this world and the destiny of the soul after death, according to diverse conceptions. He doesn't hide the doctrine of nihilism, of metemscatosis, the beliefs in Hades and the terrible punishments suffered by bad souls in the hell. Some pages of the article illustrate the cult dedicated to dead women and men since immemorial times.

KEYWORDS: Death. Destiny of the soul. Nihilism. Metemscatosis.

O tema da morte acompanha silencioso cada passo de nosso itinerário neste mundo. Nosso estar-no-mundo traz a marca indelével da sombra da morte. Tudo quanto o homem constrói, as criações geniais dos artistas, os gestos supremos de amor e solidariedade, tudo é ensombrado pela morte. Tudo se fecha na noite do tempo.

* Doutor em Filosofia. Professor da Faculdade de Filosofia da PUCRS.

Desse abismo escuro nada retorna senão a lembrança, a saudade cada vez mais vaga e diluída do passado. Esses fragmentos de frágil sobrevivência esmaecem e se apagam, no decorrer do tempo.

No caminho de sua curta existência, vê o homem projetos não-completados, planos em esboço não-realizados. Abruptamente a morte interrompe os sonhos e não permite a atualização de todas as virtualidades. Eis por que as gerações lutam para fugir de uma vida inacabada. De todos os recantos soa uníssono o *non omnis moriar*, do poeta latino Horácio.

Desde as mais remotas origens, o homem experimenta, no âmago do seu ser, a intolerável contradição do desejo de ser e do fracasso de não poder evitar a morte.

Escreve Horácio na *De arte poëtica*: “Debemur morti nos nostraque”, isto é, “Somos colhidos pela morte nós e nossas coisas”.

Dos milhões de túmulos esparsos pelo mundo ergue-se um imenso clamor de protesto contra a morte.

Nele traduz-se o anelo insopitável de imortalidade. Ao mesmo tempo que é um ser-para-a-morte, é o ser-para-a-imortalidade um constitutivo ontológico de todo o homem. O ser humano sente-se dilacerado entre a morte e a imortalidade. A quem caberá a última palavra?

A doutrina da reencarnação, ou mais exatamente, a metensomatose (transmigração de corpo em corpo) representa um hercúleo esforço para vencer a morte, multiplicando as mortes ao multiplicar as vidas no tempo. É verdade que nessas mortes sucessivas, assim se pensa, é o corpo que morre, a alma permanece. A multiplicação das experiências da morte repõe continuamente em questão, para o indivíduo que morre, a vitória da vida.

Colocados esses prolegômenos, entremos a versar aspectos filosóficos da morte. Antes, porém, é mister recordar que, desde os filósofos gregos, máxime os áticos, a admiração (tò thaûma) é tida como o início do filosofar. Não apenas o universo circundante, com sua beleza, ordem e grandeza, leva o homem a pensar e a refletir. Diz Ashley Montagu, em seu livro *Homo sapiens*, que uma das causas da admiração é a morte, também entre os povos primitivos. Paul Radin escreveu uma valiosa obra intitulada *The primitive as philosopher*, na qual confirma a tese de Ashley Montagu. A outra face da vida é a morte.

A reflexão sobre aspectos filosóficos da morte, que me foi proposta para este Simpósio, em nossa Universidade, dividi-la-ei nos seguintes tópicos, respigando alguns autores:

- 1) A época homérica até ao período ático;
- 2) A época ática, com Sócrates, Platão e Aristóteles;
- 3) O período helenístico, com o epicurismo e o estoicismo, destacando nele Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Ampliar mais este quadro fora tarefa quase infundável, se quiséssemos, *verbi gratia*, tratar o problema da morte no neoplatonismo, na Patrística, na Idade Média, na modernidade e na filosofia contemporânea.

Cumprir notar, de início, que o tema da morte envolve aspectos filosóficos, culturais, antropológicos, biológicos, teológicos, médicos e jurídicos. Todos se entrelaçam.

Nos últimos decênios, o tema da morte foi muito negligenciado na filosofia.

1 A época homérica até ao período ático

A morte aqui é concebida como um fenómeno natural, parecida ao sonho do qual é irmã.

Na *Ilíada* e *Odisséia*, as ilhas dos bem-aventurados são regiões reservadas aos mortos favoritos dos deuses. No Hades, ou melhor, no Tártaro, sofrem castigos os facínoras excepcionais que ofenderam os deuses com crimes extraordinários, sem esperança de saírem. Essa situação nos traz à mente os versos de Dante, na *Divina Comédia*, escritos na porta do inferno:

“Per me si va nella città dolente,
per me si va nell’eterno dolore.
Per me si va tra la perduta gente
Voi ch’entrate, lasciate ogni speranza”.

No mundo subterrâneo, as almas flutuam como *éidolas*.

O desejo do homem homérico é viver na luz, na cismundandade, neste mundo que é o único real, apesar de ser breve e transitória, como o expressa este verso da *Ilíada* 6, 146: “Como a das flores, assim é a geração dos homens”. Com efeito, a vida, podemos acrescentar, é flor que murcha, a vida é folha que cai, a vida é vela que se apaga.

A brevidade da vida faz experimentar o sofrimento. Pura alegria a vida não proporciona a nenhum terráqueo. Ovídio diz: “Nemo ante mortem beatus est.” Profundo pessimismo sobre a vida dos homens foi expresso por Teognis (século IV a.C.):

“Não haver sequer nascido seria o melhor para os homens terrenos; não ter visto nunca o brilho ofuscante dos raios do Sol; e, uma vez nascido, chegar o mais cedo possível ao Hades, e descansar coberto pela terra”.

Ao que parece, este último verso acena para um niilismo: com a morte termina tudo.

Ao mesmo tempo percebe-se um desejo de vida ultra-tumba, que seja uma recompensa das agruras da vida presente. Quem propicia isso é o culto nos mistérios de Elêusis.

Que com a morte não termina irreparavelmente a existência humana está registrado, pela vez primeira, no poema épico Gilgamesh, legendário rei da Suméria. Aliás, na maioria das culturas arcaicas, a morte não é encarada como um fim da existência, mas como uma passagem para outro modo de ser: *metábasis eis állo génos*, vinculado à reencarnação, como na filosofia hindu, no orfismo e no pitagorismo:

Os conceitos mais correntes, para falar da morte, são, também entre nós, metáforas, como viagem, despedida, descanso eterno.

Nos ritos de passagem, conforme van Gennep, procura-se simbolizar a morte e o surgimento para nova vida.

Com Pitágoras, o orfismo é conduzido ao aspecto filosófico atinente à morte. A alma, de origem divina, está encerrada na prisão do corpo, donde a famosa expressão (*sôma-sêma*), também empregada por Platão.

Após um período de purificação, a alma encarna em novo corpo (metensomatose), tantas vezes quantas forem necessários para se reencontrar com Deus.

Para Platão, a morte outra coisa não é do que separação (*chorismós*) de duas realidades: alma e corpo. A morte não é o fim, mas o início da vida.

Com as achegas até aqui apresentadas, no que tange à morte, está delimitado o sentido da morte em suas grandes linhas: niilismo e sobrevivência da alma. Com Zenão de Cítio, fundador do estoicismo, a alma se desvanece com a morte. Com Cleantes e Crisipo, a alma sucumbe à *ekpýrôsis* (conflagração universal), mas pela palingenesia torna a viver.

A morte, como não-ser, vemo-la nos outros. Isso nos aterroriza e leva a pensar, como diz Santo Agostinho, ao saber da morte de seu melhor amigo; “*Factus eram mihi magna quaestio*”. A morte do amigo foi-lhe uma severa lição, pois começou a pensar mais profundamente sobre a morte, o homem e o mundo.

A morte sem retorno foi magistralmente descrita pela tribo denominada Dinka, às margens do rio Nilo. É uma poesia repleta de sentido. Ouçamo-la:

“No dia em que Deus criou todas as coisas,
criou o Sol.
E o Sol nasce e se põe e retorna;
criou a Lua.
E a Lua nasce e se põe e retorna;
criou as estrelas.
E as estrelas nascem e desaparecem e retornam.
E criou o homem.
E o homem aparece, vai para a terra
e não mais retorna”.

Tal é a fisionomia da morte que o mundo mostra ao homem. As coisas desaparecem, reaparecem e desfilam vitoriosas e triunfantes sobre os milhões de cadáveres inertes e inermes sepultados na terra.

Porém, não só a poesia primitiva atesta a fugacidade e a irreversibilidade das coisas e da morte. Catulo (84-54 a.C.), no poema *Vivamus, mea Lesbia*, defronta, com seriedade, a morte, nestes versos:

*“Soles occidere et redire possunt,
Nobis, cum semel occidit brevis lux,
Nox est perpetua una dormienda”.*

Traduzido:

“Os sóis podem pôr-se e retornar;
Quando nossa breve luz se apaga,
resta-nos para dormir a única noite eterna”.

E mais um exemplo da Ode VII de Horácio:

*“Damna tamen celeres reparant
caelestia lunae;
nos, ubi decidimus,
quo pater Aeneas, quo dives Tullus et Ancus,
pulvis et umbra sumus”.*

“O que no céu se perdeu,
as luas rapidamente recompõem.
Tão logo nós descemos aonde foram o pai Enéas,
o rico Tulo e Ancus,
somos apenas pó e sombra”

2 A época ática com Sócrates, Platão e Aristóteles

Figuram aqui os três personagens imortais na história do pensamento humano.

Teçamos breves considerações sobre cada um deles, atinentemente à morte.

Entre 400 e 399 a.C., o comerciante Anitos, o poeta Meleto e o orador Licon acusaram Sócrates de *asébeia* perante o tribunal, inculcando-o de impiedade, de introduzir novos deuses ou daímones. Sentença: pena de morte! Quem eram esses daímones? A voz interior da consciência, participação da lei eterna!

Cabe, aqui, uma nota hílare sobre Sócrates, o mais inteligente dos gregos, assim como nos é apresentado no *Teeteto*, 143: “De nariz grande, de olhos saltados (...) mas Teodoro acrescenta que jamais encontrou um homem tão admirável. Quando o fisionomista Zapiro encontrou Sócrates, vendo o seu rosto, declarou-o imbecil de nascimento, inculto e incapaz de aperfeiçoar-se. Os circunstantes puseram-se a rir. Mas Sócrates declarou que Zapiro tinha razão. Esse efetivamente era o meu natural. Porém, eu o reformei pela educação”.

Com a ajuda de seus amigos, poderia Sócrates ter-se livrado da morte: ou fugindo ou pagando uma multa ou aceitando o exílio voluntário. Preferiu ficar em Atenas e apresentar-se aos juízes. Poderia até ter estipulado a pena para si mesmo. Isso, no entanto, equivaleria a reconhecer-se culpado. Declarou que seu daímon se opusera a que preparasse sua defesa. Todos sabemos as circunstâncias da morte, com a cicuta.

Antes porém, de enfrentar a morte, Sócrates descreve o que sucederá no Hades. Sua descrição pode comparar-se a uma verdadeira comunhão dos santos. “Encontrar-se, no Hades, com Orfeu, Hesíodo, Homero, Palamedes, Aias, filho de Telemar, além de outros homens e mulheres, será uma grande alegria e uma felicidade indescritível” (*Apologia*, 41).

Releva, depois de Sócrates, Platão. O fundador da Academia teve sempre um profundo sentimento de imortalidade da alma e da existência de outra vida, após a morte.

Interessante é observar que Platão reconhece não serem suas provas da existência da alma demonstrações rigorosas, mas hipóteses, crenças, bem-fundamentadas.

No *Fédon* 69b-114d, assevera que aceitar a imortalidade da alma representa um belo risco.

Vários são os argumentos arrolados por Platão para a imortalidade da alma:

- a) pela reminiscência. “Saber é recordar”. Ora, para recordar, é mister ter aprendido antes o que se recorda. Logo, a alma preexiste ao corpo e, portanto, é natural que sobreviva depois da morte;
- b) a alma, quando unida ao corpo, tende para as realidades superiores, invisíveis, divinas e imortais. Isso é indício de que ela pertence à classe superior dos seres e que, portanto, é simples e imortal como elas (realidades superiores).

O que, segundo Platão, sucede às almas depois da morte?

Os maus devem expiar suas culpas por sucessivas reencarnações. Os bons recebem o prêmio por suas virtudes.

O *Górgias*, o *Fédon* e a *República* oferecem três fases distintas de um mesmo mito que compreende um ciclo escatológico completo. Preocupado com a realização da justiça perfeita, impossível de ser levada a efeito neste mundo, alude ao Hades, onde as almas se apresentam desnudas de seus corpos e comparecem ante o tribunal de Eaco, Radamanto e Minos, deuses dos infernos que administram justiça, sentados na bifurcação de onde saem dois caminhos: o que leva às ilhas dos bem-aventurados, destino das almas justas, e o que conduz ao tártaro, lugar de tormentos reservado aos maus.

A Platão segue Aristóteles, aliás parco quanto à alma e sua escatologia.

Num primeiro momento, aderiu à doutrina do mestre Platão, crendo na preexistência da alma e na imortalidade pessoal.

Visto os gregos não haverem tido noção sobre *creatio ex nihilo*, Aristóteles sustenta que a alma não pode provir do corpo dos pais, porque ninguém dá o que não tem; nem pode provir da alma dos pais a qual, por ser simples, não se pode dividir; nem se origina por acaso, o que seria absurdo. Diz, então, que a alma vem de fora.

Na *Ética a Nicômaco*, escreve: “Pode crer-se que os mortos experimentam ainda qualquer impressão de prosperidade e desgraça de seus amigos, mas tão fraca que não os possa tornar infelizes, se são felizes, nem exercem nos seus destinos qualquer mudança deste gênero”.

3 O período helenístico

Dois importantes “ismos” enfocaremos desse período: o epicurismo, com a figura central – Epicuro, e o estoicismo, do qual destacaremos Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Famoso é Epicuro (241-270 a.C.) quanto à concepção da morte.

Na Carta a Meneceu (uma das três que ainda restam do vasto cabedal de suas obras), começa com um elogio à filosofia, dizendo que ela nos proporciona felicidade e saúde da alma. À época de Epicuro, a sociedade grega estava enferma: temor da morte e das torturas na outra vida, criadas pelo imaginário popular, com infernos terrificantes; grassava, por toda parte, a superstição que paralisava as iniciativas individuais; a religião estelar de origem platônica, com seu influxo deletério sobre o povo.

Mas acima de todas essas mazelas, pairava o temor da morte.

À filosofia atribuiu Epicuro um papel terapêutico para curar os fenômenos patológicos dos medos e temores, propondo o célebre tetrafármaco ou quádruplo remédio, cujo teor é o seguinte:

- 1) não temer a morte;
- 2) não temer os deuses;
- 3) não ser ambicioso;
- 4) os males só têm duração breve ou só trazem consigo breves dores.

Sobre esses quatro princípios repousa a filosofia de vida de Epicuro, o filósofo do Jardim.

Analisemos esses remédios:

Não temer a morte. Por quê? “Porque, enquanto nós somos, a morte não é; quando a morte é, nós não somos”.

Epicuro não rompeu com a tradição grega de que o homem se compõe de um corpo, que vai desaparecer, e de um sopro, composto de matéria, porém mais sutil. Marx chamará isto de epifenômeno da matéria. Com a morte, desaparecerá. Em outros termos, Epicuro é atomista, materialista, niilista.

A morte é a privação da sensação, diz o mestre do Jardim na Carta a Meneceu. Logo, morrendo o homem, não há sensação; portanto, não há lugar para castigos. Entre corpo e alma, não há distinção essencial, apenas de grau.

Se Platão e, de modo especial, os estóicos diziam que a vida deve ser uma preparação para a morte (*meditatio mortis*), Epicuro não nutria tal preocupação. Para ele, o desejo de imortalidade é um anelo vazio. Mais

vale uma felicidade, porém presente e efetiva, nesta vida, do que uma vã aspiração que nos afasta e desvia desta vida.

Com a morte, o corpo e a alma se dissolvem, contrariamente ao que pensam os espiritualistas (v. g. Platão). Dessarte é impossível haver metemscotose. E argumenta: não temos lembrança de uma vida anterior. E lança um desafio: se valesse a metemscotose, por que as crianças, ao nascer, não teriam já o saber de um homem adulto?

Seguidor fiel da doutrina de Epicuro, Lucrécio (97-55 a.C.) em *De rerum natura*, o poema filosófico mais longo de toda a história, com 7.800 versos, reiteradamente afirma que os homens se atormentam com o porvir: imaginam seu futuro cadáver, entregue à decomposição ou dilacerado por feras, cremado ou enrijecido numa tumba.

Tudo isso são fantasmagorias que de nada valem, pois, assim como o corpo se decompõe, também a alma se esvai e jamais os mesmos átomos se reencontrarão para formar o homem que morreu. Não há eterno retorno. O homem vive e morre uma só vez. Por essa razão, é preciso viver feliz. Ora, o temor vão do futuro tira o prazer, a *hêdonê*. O que significa prazer, para Epicuro e seus seguidores? Não sentir dor no corpo nem perturbação na alma. Nada tem a ver com sexo, conforme o registram os dicionários.

O quarto ponto do tetrafármaco reza: “Os males têm duração breve ou trazem consigo breves dores”. Sêneca, admirador de Epicuro, disse, no tocante à dor: “*Levis est, si ferre possum; brevis est, si ferre non possum*”. (É leve, se posso suportá-la; breve, se não logro agüentá-la).

Ainda uma palavra sobre os deuses (Deus), que não devem ser banidos. Antes do mais, Epicuro não é ateu, como afirma Clemente de Alexandria. Ele é antiteísta, isto é, combateu a religião estelar. Por outra, Epicuro crê em Deus (deuses), mas é deísta, ou seja, os deuses não se importam com o mundo e os homens, pois isso lhes tiraria a ataraxia, a imperturbabilidade. O mesmo deísmo ressurgiu na Aufklärung, da Europa... Voltaire, Diderot, D’Alembert, Helvetius. Revelação e milagres não são possíveis.

Constantemente retorna a pergunta: “O que sucede após a morte?” É uma pergunta que faz sentido? É-nos lícito indagar sobre assuntos que transcendem a nossa vida? Que utilidade nos traz essa perspectiva do além? Tornamo-nos melhores, pensando sobre uma existência além-túmulo? Tornamo-nos mais humanos? Não seria melhor envidar todos os esforços, para realizar a vida, neste mundo, da melhor forma possível? Não fora melhor manter silêncio sobre coisas ignotas? Não seria melhor aceitarmos silenciosamente, pacientemente, o mistério da vida com seus enigmas e obscuridades?

No estoicismo romano obtemos algumas respostas. Três serão os pensadores aqui destacados: Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Epicteto era grego, Sêneca nasceu na Espanha, Marco Aurélio era romano.

O estoicismo estende-se do século III a.C. até ao século III d.C.
Examinemos brevemente cada um dos pensadores em epígrafe.

1) Sêneca (4-65)

Dentre as muitas obras dele, por exemplo, *De tranquillitate animae*, *De vita beata*, *De clementia*, relevam as *Litterae ad Lucilium*. São 124 cartas que versam os mais variados assuntos: a riqueza, a virtude, o bem, a felicidade e, não em último lugar, a morte e a sobrevivência da alma.

Respiguemos alguns tópicos referentes à morte. Ao mesmo tempo que afirma ser o corpo algo desprezível (*tam putre corpus*, Carta 120), registra pensamentos sublimes quanto à pessoa humana como “algo sagrado”: “Deus está perto de ti, está contigo, está em ti” (*prope est a te deus, tecum est, intus est*). Sim, Lucílio, há em nós um espírito sagrado, que observa e vigia nossas boas e más ações (...); nenhum homem pode ser bom sem deus” (Carta 41). Na Carta 42, acrescenta que esse espírito santo somente habita naqueles que cultivam a virtude e não nos que ficam imersos na matéria, nos que se contentam com bens materiais e nos que se entregam aos vícios.

E mais, quando a vida nos é incômoda, a solução é o suicídio. “Para viver, precisamos da aprovação dos outros, para morrer, basta a nossa decisão. A morte melhor é a que nos agrada”. “*Optima mors est quae placet*” (Carta 70). Já no século V a.C., Eurípidés declarava: “Odeio todos quantos fazem um esforço sobre-humano para não morrer. Eles já não têm nenhuma utilidade; deveriam morrer e não ser estorvo aos jovens”.

Sobrevindo a morte, qual é o destino da alma humana? A resposta de Sêneca não é unívoca. Na Carta 102, afirma que “aceita facilmente as opiniões dos grandes homens a respeito da morte. Eles mais a prometem do que provam (*promittunt magis quam probant*). Na mesma Carta 102, apresenta o argumento do consenso universal. Na Carta 24 lemos: “A morte nos aniquila ou nos liberta?” (*Mors nos aut consumit aut emittit*)”.

A qual dos membros desse dilema adere Sêneca? Responde na Carta 36: “A morte que tememos e recusamos apenas interrompe a vida, não a arrebatada” (*intermittit vitam, non eripit*)”. Um dia virá em que novamente nos devolverá a luz”.

Aqui Sêneca mostra a profundidade de seu pensamento que qualquer cristão poderá subscrever. E mais: “O dia da morte, que temes como o

derradeiro, é o nascimento para a eternidade (*dies iste quem tamquam extremum reformidas aeterni natalis est*” (Carta 102). (Esse dia que temes ser o último é o dia do nascimento eterno).

Libertada do corpo, para onde vai a alma?

Já vimos que Sêneca admite a sobrevivência da alma. O lugar para onde vai semelha verdadeira visão cristã: “Um dia ser-te-ão revelados os mistérios. A noite que te circunda dissipar-se-á, e de toda parte uma luz pura te penetrará. Imagina quão grande será o fulgor de tantas estrelas misturando o seu brilho. Nenhuma sombra turbará a pureza. Será igual o esplendor em todos os quadrantes (...) Dirás, então, que viveste em trevas, quando vires essa luz. Agora percebes essa luz pelas estreitíssimas vias dos olhos, obscuramente, e contudo já a admiras de longe. O que te parecerá a luz divina, quando a vires em sua própria fonte?” (Carta 102).

Mas nem todas as almas sobreviverão. As que não se elevaram acima da animalidade – os *stulti* – desaparecerão com o corpo. Voltarão ao nada. A vida deve ser medida, não pela longevidade, mas por sua plenitude, ou seja, pelo bem e pelo domínio de si (cf. Carta 93).

Perguntará alguém: será que Sêneca produziu uma *metánoia* em Lucílio?

Na Carta 34 encontramos a resposta: “Eu me sinto mais forte e aliviado, na velhice, pela alegria, sempre que tuas ações e escritos me fazem compreender como te superaste, como progrediste. Há muito te elevas acima do vulgo. O agricultor é feliz, ao ver a árvore por ele plantada produzir frutos; o pastor se alegra, ao ver nascer as ovelhinhas. A mãe, que vê crescer o filho que alimentou, olha-o como obra sua. Que pensas acontecer àqueles que desenvolveram um intelecto, desde tenra idade e de súbito o vêem adulto? Tu és obra minha (*meum opus es*)”.

A calcular pelo influxo de Sêneca na história, de muitos outros poderia ele dizer: “*Mea opera estis*”. Pensamentos de Sêneca são citados em Regras do monaquismo, por exemplo, São Bento e na Imitação de Cristo, obra de Tomás a Kempis. Com razão, podiam os cristãos dizer: *Seneca saepe noster*.

2) Do autor das *Cartas a Lucílio*, passemos a Epicteto (50-125/30), cognominado o escravo-filósofo. Dos 53 capítulos do Manual (*Enchiridion*) apenas um único – o de número XXI – refere-se à morte, nestes termos: “A morte, o exílio e todas as coisas que parecem terríveis tem-nas diante dos olhos, todos os dias, porém mais que todas a morte. Então jamais dirás algo vil e não desejarás nada além da medida” – nada em demasia!

A morte, que é o fim natural de todo ser humano, sobrevém com toda a certeza. Epicteto não crê na sobrevivência pessoal. O dissolver-se no todo constitui um retorno a Deus. Como a grande maioria dos estóicos, afirma ser o suicídio um ato razoável.

O que merece relevo na filosofia de Epicteto é sua admiração pela providência divina. Conclama permanentemente os homens para entoarem cantos de ação de graças à providência de Deus. A vida há que ser uma *meditatio mortis*.

3) Marco Aurélio (121-180) é o imperador-filósofo. Nos *Solilóquios*, traz 53 referências à morte. Teve como mestre Epicteto.

Respigüemos algumas idéias. No Livro IV, artigo quinto, lemos: “A morte é, como o nascimento, um mistério”. “É necessário sempre considerar as coisas humanas como efêmeras e sem valor: ontem, um pouco de beleza; amanhã, múmia ou cinza. Por conseguinte, é preciso passar este pequeno momento de duração conforme a natureza, terminar com suavidade e serenidade como uma oliva que cai” (Livro IV, 48).

Para garantir uma vida feliz, participa dos mistérios eleusinos.

A respeito de Deus o pensamento de Marco Aurélio é definitivamente monoteísta. Com diversos nomes o denomina: Deus, *Lógos*, Espírito universal. Equivale ao Uno de Plotino do qual tudo provém. A atitude dos cristãos ante a morte, na arena, era-lhe motivo de desprezo, por julgá-la teatral.

Marco Aurélio tece comentários sobre a morte de velhos e jovens e diz que isto não é injusto. Prova-o com uma imagem, comparando a vida à representação de atores num drama. “Mas se não representei ainda meus cinco atos, e sim apenas três. Porém, na vida três atos podem bastar para representar o drama inteiro (...). Despede-te amistosamente, pois também é amigoso quem te contratou e te despede!” (XII, 36). O epimítio é que o tempo que se vive deve ser aproveitado bem na amizade, na solidariedade, seguindo o *lógos* interior no amor ao próximo.

Nosso modesto estudo ficaria truncado, se não referíssemos algo sobre o culto aos mortos.

4) Culto aos mortos.

- 1) Desde remota antiguidade, os cadáveres são objetos de cultos ritualísticos. Comprovação de sepulturas existe desde 200.000 anos passados. E antes? Aplica-se aqui o argumento do silêncio de Karl Narr, professor de Tübingen. No século XX, Karl Narr criou o

chamado “argumento do silêncio”. Cifra-se no seguinte, aplicado aos sepultamentos dos povos ágrafos: há sepulturas comprovadamente existentes a partir de 200.000 anos a.C. Antes dessa data, não há comprovação de sepultamentos. Impera “silêncio”, no tocante a enterramentos. Ora, argumenta Karl Narr, o homem é universal no espaço e no tempo. Logo, podemos inferir que, antes da data supramencionada, também os cadáveres eram enterrados. Por outra, o silêncio é eloqüente.

- 2) Na época de Homero, o primeiro dever é render aos mortos as honras fúnebres. O defunto, vestido de branco e rosto descoberto, fica exposto sobre um leito na entrada da casa, ornado com flores. Na boca tem uma moeda destinada a pagar o Caronte, barqueiro dos infernos. Durante um dia e uma noite, seus familiares jejuam e recebem as visitas dos parentes e amigos. A cremação ou inumação é feita antes de o Sol nascer; não faltam as carpideiras. De retorno do ritual, todos devem purificar-se de todo contato tido com o defunto.
- 3) Gravíssima falta representava deixar o corpo insepulto. Nesse caso, as almas ficavam divagando, sem chegar ao Hades, e incomodando os familiares. A não-observância desse costume sagrado fez com que, em 406 a.C., gerais atenienses fossem condenados à morte, por não haverem dado sepultura aos que haviam tombado nas batalhas.
- 4) Os livros dos mortos representam coleções de textos do Egito e da Índia. São fórmulas mais ou menos longas, escritas em papiros, os quais eram colocados ou sobre a ataúde ou junto ao cadáver, com a finalidade de garantir ao falecido a sobrevivência.
- 5) Dando um salto para as sepulturas da Pré-história, enfocaremos 3 aspectos:
 - a. A presença do ocre nas sepulturas;
 - b. A colocação dos cadáveres numa determinada orientação geográfica;
 - c. O significado de conchas marinhas nas tumbas.
 - a) Não apenas no Paleolítico superior, mas ainda hoje os povos ágrafos borrifam o cadáver com ocre. Qual o significado? Respondemos com a autoridade de Breuil e Lantier, no livro *Les hommes de la pierre ancienne*: “O costume de salpicar o corpo todo ou parte dele com ocre vermelho (...) tem a finalidade de

assegurar ao defunto os meios de prosseguir a viagem ultra-tumba. A relação que os primitivos fazem entre o vermelho e o sangue confere à cor vermelha um princípio de força e de vida”. Já o Prof. James, da Universidade de Londres, afirma que “o ocre era um intento de fazer com que o corpo servisse de novo ao indivíduo em outra existência”. Subjaz a essa explicação uma idéia reencarnacionista.

b) Quanto à orientação dos cadáveres, na tumba, não há regras rígidas. Até pouco tempo, no Sudão egípcio, os mortos eram enterrados olhando o leste, porque, para eles, representava o lado da vida. Pelo que se vê, ao sepultamento subjazem crenças e motivos filosóficos.

c) Resta tratarmos das conchas marinhas junto aos cadáveres. Por vezes, são centenas de conchas, como é o caso da gruta de Cavillon – 200 conchas! Qual o simbolismo? Mais uma vez pedimos auxílio ao Prof. James, da Universidade de Londres: “As carapaças de certos moluscos, cuja forma lembra o conduto pelo qual a criança vem ao mundo, portanto a vulva, parecem ter estado ligadas ao princípio de feminilidade e ter desempenhado, em todas as partes, o papel de encantamentos asseguradores de fertilidade. É um simbolismo que busca reequilibrar a vida, por ocasião da morte de alguém”.

Muito ainda haveria por dizer sobre a concepção de morte na alma:

- 1) Sêneca: “A morte não vem de repente. Cada dia avançamos rumo à morte”.
- 2) Santo Agostinho: “A vida não é mais que uma morte lenta; cada dia morremos um pouco”.
- 3) Heidegger: “O homem é um ser para a morte”. (*Sein zum Tode*). “Logo que nasce, o ser humano já é suficientemente velho para morrer”.
- 4) Sartre: “*Il est absurde que nous soyons nés, il est absurde que nous mourions*”. (É absurdo termos nascido, é absurdo morrermos).

É tempo de concluir...

A radicalidade da morte deixa o ser humano entregue a si mesmo, à solidão interior, de nada valendo a presença da mais eficiente equipe médica. É algo único, irreversível, definitivo. A tudo há que renunciar. Na vida há,

pelo assim dizer, pequenos ensaios de perdas e despedida. São como que pequenas mortes: perda de bens materiais, morte de amigos ou da pessoa amada, antes do nosso adeus pessoal.

Os livros clássicos de lógica, ao apresentarem o silogismo, trazem quase sempre o seguinte exemplo (será coincidência ou há nisso algo mais profundo?): Todos os homens são mortais; ora, Pedro é homem; logo, Pedro é mortal. Esses diversos juízos não nos afetam quanto à idéia de morte em si, porque a preocupação incide mais sobre a concentração do pensamento em sua estrutura interior. “Pedro” não sou eu; é outra pessoa, longínqua, até mesmo fictícia.

Um dia, porém, virá no qual a morte nos há de rondar de perto a mim, a ti, a nós. Nesse dia, ninguém morre por outrem. Eu, tu, cada um de nós deve assumi-la a sós.

A morte olhamo-la como algo remoto na terceira pessoa – ele ou eles morreram. Assim sendo, não nos comove, exceção feita de uma catástrofe, que ceifa a vida de milhares de pessoas...

Mas é uma emoção passageira, mesmo que a mídia noticie o fato, durante vários dias. Banaliza-se. Diferentemente olhamos a morte, quando atinge um “tu”, isto é, alguém que nos é caro ou ligado a nós por laços familiares. Nesse caso, vem-nos à mente, com profunda intensidade, que nós um dia também partiremos.

Essa certeza opõe-se a todas as outras incertezas da existência humana. Tudo, exceto a morte, é incerto. Quando alguém nasce, dogmaticamente logramos dizer: vai morrer. Quanto ao resto, só podemos fazer conjeturas: não sabemos se amanhã ainda teremos saúde, casa para morar. O porvir é envolvido pelo “talvez”, “pode ser”, “não sabemos”. A morte é certa! É um núcleo ontológico que nos atenaza com suas mandíbulas: morte certa, hora incerta.

A morte é a faceta séria da vida. Não é facécia. Ela imprime um caráter irrefugível à existência. Da vida se leva a vida que se levou. Com acerto diziam os primeiros cristãos: “*qualis vita, finis ita*”. (Como foi a vida, assim será o fim).